

DESAFIOS DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) E A IMPORTÂNCIA DA VIVÊNCIA PRÁTICA DURANTE A GRADUAÇÃO

EVANDRO ROLDÃO GREVINELI¹; CHRISTIAN PERES DA COSTA²; MARCELO SILVA DA SILVA³

¹ Universidade Federal de Pelotas – grevinelievandro@gmail.com

² EMEF Prof. Maria Helena Vargas da Silveira – christianescola92@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – marcelosilva.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A formação docente exige a articulação entre teoria e prática, indo além do domínio dos conteúdos pedagógicos. É fundamental vivenciar o ambiente escolar, lidar com imprevistos e compreender a realidade da sala de aula. Nesse sentido, o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) representa uma oportunidade valiosa, ao inserir licenciandos no cotidiano das escolas públicas, contribuindo para sua formação profissional (CAPES). surgem como uma ferramenta importante para proporcionar ao estudante de licenciatura experiências reais no cotidiano escolar e ajudar a enfrentar os desafios da profissão.

As experiências de iniciação à docência mediadas pelo PIBID são buscadas pelos bolsistas com o objetivo de conhecer o campo escolar e analisar as possibilidades de atuação. Os bolsistas reconhecem que o PIBID possibilita a aproximação com a cultura escolar, um encontro que influencia a escolha pela docência ou sua negação, como também cria percepções sobre o trabalho do professor (MELO; ASTORI; VENTORIM).

Este relato de experiência tem como objetivo compartilhar os principais desafios enfrentados até o momento durante as atividades propostas nas aulas de Educação Física, com duas turmas de quinto ano do Ensino Fundamental na Escola Professora Maria Helena Vargas da Silveira, escola municipal da cidade de Pelotas/RS.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

As atividades foram realizadas com duas turmas de 5º ano do Ensino Fundamental, no período de 09/05/2025 à 14/07/2025, ao todo foram até o momento da escrita do relato, três semanas de observação e nove semanas de atividades propostas por nós bolsistas na escola. Nas primeiras semanas, o foco foi na observação, foi possível perceber diversos problemas estruturais, como a falta de cobertura na quadra, que deixa o ambiente menos controlado e as aulas muito dependentes do clima, como chuva, sol forte ou frio. Outro ponto é a ausência de materiais adequados ou em bom estado: por exemplo, na escola há uma tabela de basquete, mas esta não tem a cesta, o que impossibilita ou dificulta a experiência completa da prática do esporte.

Na fase em que começamos a intervenção e a propor atividades com os alunos, optamos por jogos e dinâmicas que já tínhamos vivenciado na faculdade, como pega-pega (com variações), caçador, dono da rua e circuitos motores. Isso trouxe mais segurança para nós, pibidianos. A ideia foi buscar atividades que promovessem a participação de todos e que deixassem a aula dinâmica, sem torná-la monótona e repetitiva para nós e os alunos.

Mesmo assim, enfrentamos vários desafios. Um dos principais foi o interesse dos meninos pelo futebol. Muitas vezes eles tentavam negociar aula livre, onde pudessem escolher livremente o que queriam fazer ou o que mais gostavam. Isso é uma cultura na área da Educação Física que acaba tirando a credibilidade da disciplina, já que isso não existe em outras disciplinas básicas: ninguém vai para a aula e escolhe o que quer estudar em Português ou Matemática, por exemplo, reforçando aquela ideia de que a Educação Física é um brincar ou um simples "largobol" e não uma área estruturada com base teórica e prática tão importante quanto as outras.

Em um estudo feito na cidade de Pelotas, em 2012, no qual foram realizadas 240 observações em 68 turmas do município, observou-se que o "jogo livre" (45,3%) foi a estratégia metodológica mais utilizada nas aulas. Abordagem que, segundo Darido (2003), caracteriza o professor como mero administrador de materiais. A participação dos professores no contexto das aulas foi baixa e caracterizou-se pela demasiada utilização do jogo livre (FORTES et al., 2012). Isso mostra que a ideia de *aula livre* não é algo isolado na escola onde estamos inseridos, mas sim uma prática enraizada nas escolas e entre os alunos há muito tempo, dificultando a ação de desenvolver as aulas com conteúdos diversificados, mas mais definidos e aprofundados.

Quando as aulas ocorrem após um período de chuva, é necessário adaptar a aula para a parte externa da quadra, por estar cheia de poças d'água, ou ainda para a região no entorno da quadra, que é de areia e absorve a água. Em alguns casos, utilizamos a biblioteca, onde conseguimos movimentar os móveis para um canto e usar o espaço, que é bem menor, mas suficiente para algumas atividades. Em uma aula, por exemplo, a quadra estava muito molhada e adaptamos um circuito do jogo da velha, que funcionou perfeitamente. Mesmo não sendo o ideal, foi uma forma de executar as atividades planejadas.

No início das nossas atividades na escola, outra dificuldade que encontramos foi a falta de organização em alguns momentos. Como a Educação Física acontece na quadra que fica na rua, muitas vezes há alunos de outras turmas perambulando em torno da quadra, utilizando o espaço de areia ao redor para brincar, e acabam invadindo a nossa aula, correndo dentro da quadra ou querendo participar das atividades, sem que os professores responsáveis por esses alunos intervenham. Isso atrapalha muito, especialmente quando estamos tentando organizar atividades mais complexas ou que exigem maior atenção dos

alunos. Além disso, o horário da merenda acontece no meio do período de aula com a turma do 5ºA. Então, temos que parar a aula, os alunos irem lanchar e depois voltarem, o que quebra completamente o ritmo da aula.

Também enfrentamos situações desafiadoras, como interrupções, brincadeiras e recusas de participação por parte dos alunos, exigindo que nos posicionemos com firmeza como professores. Contamos com o apoio do supervisor, que sempre reforçou para os alunos sobre a nossa posição. Em momentos em que o aluno se recusa a participar, informamos o supervisor, pois uma das notas dos alunos na EF é definida pela participação nas aulas. Em casos de conflitos ou emoções intensas durante atividades competitivas, buscamos o diálogo para acalmar os ânimos. Alunos que atrapalham a aula recebem atividades reflexivas posteriormente.

Mesmo com supervisão e auxílio do professor, nessas horas percebemos que ainda estamos aprendendo a lidar com esse tipo de situação, a docência é uma profissão de interação humana e social. Por isso, é importante começar a ter essa vivência com os alunos, pois vamos ter contato com diferentes perfis, inclusive alunos com laudos clínicos, como autismo, TDAH, sendo essencial saber incluí-los nas aulas. A inclusão ainda é um desafio constante na educação e, por diversas vezes, o estudante é incluído na escola apenas por uma questão legal, porém sem a devida estrutura ou acolhimento necessários para sua permanência e desenvolvimento de suas potencialidades (SILVEIRA, 2019). Quanto mais cedo tivermos esse contato, melhor saberemos como agir em estágios futuros ou diante de situações desafiadoras dentro da nossa profissão.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência prática proporcionada pelo PIBID tem sido essencial para minha formação como futuro professor de Educação Física. Apesar dos desafios enfrentados, a experiência de atuar diretamente na escola, com apoio financeiro, permite compreender de forma concreta a rotina docente e aprofundar o aprendizado. Como destaca Ribeiro, Afonso e Cavalli (2013), as bolsas não apenas auxiliam na permanência no ensino superior, mas também promovem o desenvolvimento profissional, ao possibilitar a atuação prática na área. Essa articulação entre teoria e prática, unida à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, contribui para uma formação mais completa.

Concluo que a iniciação à docência, por meio do PIBID, não apenas nos mostra as dificuldades da educação pública, mas também prepara a gente para o momento de estágio, fortalece nossa formação, aproximando-nos da realidade que enfrentaremos como professores e contribuindo para nosso crescimento profissional e pessoal. Como afirma Matter et al. (2019), esse aporte de experiências provenientes de um programa onde a escola é protagonista do processo formativo se transforma em conhecimento que possibilita a formação inicial de professores contextualizados com seu campo de atuação futura,

favorece a construção da identidade docente e a associação entre teoria e prática, contribuindo para qualificar a prática pedagógica dos bolsistas no âmbito profissional.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDT, Léocla Vanessa. A importância do PIBID para a reflexão da teoria e a prática dos acadêmicos de Educação Física licenciatura da UFSM. **Compartilhando Saberes**, Santa Maria, v. 1, n. 1, p. 1–7, 2019. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/342/2019/05/Leocla-Vanessa-Brandt-A-importancia-do-PIBID-para-a-reflexao-da-teoria-e-a-pratica-...-1.pdf>.

CAPES. PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Brasília, s.d. Educação Básica. Acessado em 21 jul. 2025. Online. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na Escola: Questões e Reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

FORTES, M. DE O.; AZEVEDO, M. R.; KREMER, M. M.; HALLAL, P. C. Physical education classes in the city of Pelotas, RS: context and contents. *Journal of Physical Education*, v. 23, n. 1, p. 69-78, 1 Apr. 2012.

MATTER, Paloma Cibele Rivera; RASTELLI, Giovana; MANCHEIN, Luiz Gustavo de Medeiros; CUSTÓDIO, Nicole Gonçalves; ALMEIDA, Sérgio Roberto; FARIAS, Gelcemar Oliveira. PIBID Educação Física: experiências na formação de professores. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 60, p. 01–18, 2019. DOI: 10.5007/2175-8042.2019e59669. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e59669>.

MELO, Tatiana Moraes Queiroz de; ASTORI, Fernanda Bindaco da Silva; VENTORIM, Silvana. Iniciação à docência em Educação Física: experiências formativas pelo Pibid. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 32, p. 122–139, maio 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/25885>.

RIBEIRO, J. A. B.; AFONSO, M. da R.; CAVALLI, A. S. Práticas e contextos da formação inicial em educação física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2013. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/4451>.

SILVEIRA, Bruna Aparecida. A Educação Física no contexto da inclusão: uma revisão sistemática sobre o Transtorno do Espectro Autista. **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte** – CONBRACE e Congresso Internacional de Ciências do Esporte – CONICE, Espírito Santo, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/snee/article/view/34314/23013>.